PREGADOS, UM A UM

Elaine Della Giustina Soares

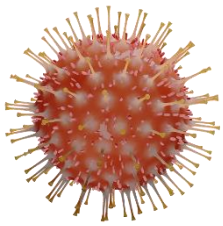
Elaine Soares é Bióloga e Doutora em Entomologia pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é professora é coordenadora do Curso de Ciências Biológicas - Ecologia e Biodiversidade na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Desde que começou a pandemia do Covid-19, a professora Elaine vem coletando dados e fazendo planilhas que revelam a magnitude do impacto do vírus em Foz do Iguaçu, tentando conscientizar a população dos perigos do vírus e das medidas efetivas para controlar sua circulação.

Nesta oportunidade, Elaine nos oferece dois trabalhos autorais: a narrativa “Pregadus, um a um” e o ensaio fotográfico intitulado “Velando 117”. Duas criações que nos permitem imaginar a facticidade da vida, no contexto pandémico, desde um olhar reflexivo.

Escrevo sobre a pandemia de COVID-19 para não esquecer a unicidade de tantas vidas perdidas, para não perdê-las entre tantas planilhas que atualizo diariamente.

Elaine Soares

Contato: elaine.soares@unila.edu.br



PREGADOS, UM A UM

Dona Maria é bordadeira. Há 25 anos preenche buracos em um pano de fundo, uma juta bege e grosseira, que tem cada quatro de seus buracos preenchidos por um ponto, pontos que compõe um lindo padrão. Pregados ali pelas mãos habilidosas de dona Maria, ponto a ponto na construção de um tapete arraiolo.

Um metro quadrado é preenchido por cerca de cinco mil pontos que são adicionados um a um ao longo de duas semanas, para serem perdidos para sempre no meio do padrão.

O padrão é uma estampa bonita, cara e mal paga. Quem compra, reclama do preço, a artesã, do bolso vazio. O padrão faz esquecer que cada um daqueles pontos, pregados de forma rápida por aquelas mãos habilidosas foi aprendido ao longo de vários anos, aprimorado e agilizado.

Processos mecânicos substituem a construção do padrão. Máquinas podem fazer tapetes rapidamente, sem a mesma qualidade, cuidado e carinho. Metros quadrados preenchidos rapidamente, dando conta das exigências do consumo.

Seu Marcos é artesão da terra, há 17 anos abre buracos no pano de fundo, uma terra bege e grosseira, onde cada um de seus buracos é preenchido por gentes, gentes que compõe uma triste realidade. Pregadas ali, pelas mãos calejadas de seu Marcos, cruz por cruz, na composição de histórias daquele cemitério.

Dez metros quadrados são preenchidos por cerca de quarenta covas que são adicionadas uma a uma ao longo de quatro semanas, para serem perdidos para sempre no meio do padrão. O padrão é um arranjo organizado, triste e mal pago. Quem compra, reclama de dor, o artesão, do bolso vazio.

O padrão faz esquecer que cada vida daqueles corpos, pregados de forma triste por aquelas mãos calejada, foi vivida ao longo de vários anos, sofrida e amada.

Processos mecânicos substituem a construção do padrão. Máquinas podem fazer covas coletivas rapidamente, sem a mesma qualidade, cuidado e carinho. Linhas retas preenchidas de gentes em poucos minutos, dando conta da velocidade da pandemia.

Em um em outro caso, as unidades se perdem, o cuidado, o carinho, a reza, o que antes era único passa a ser tratado de forma automática, esquecido, padronizado, ignorado por quem vê o padrão e não conhece o processo.

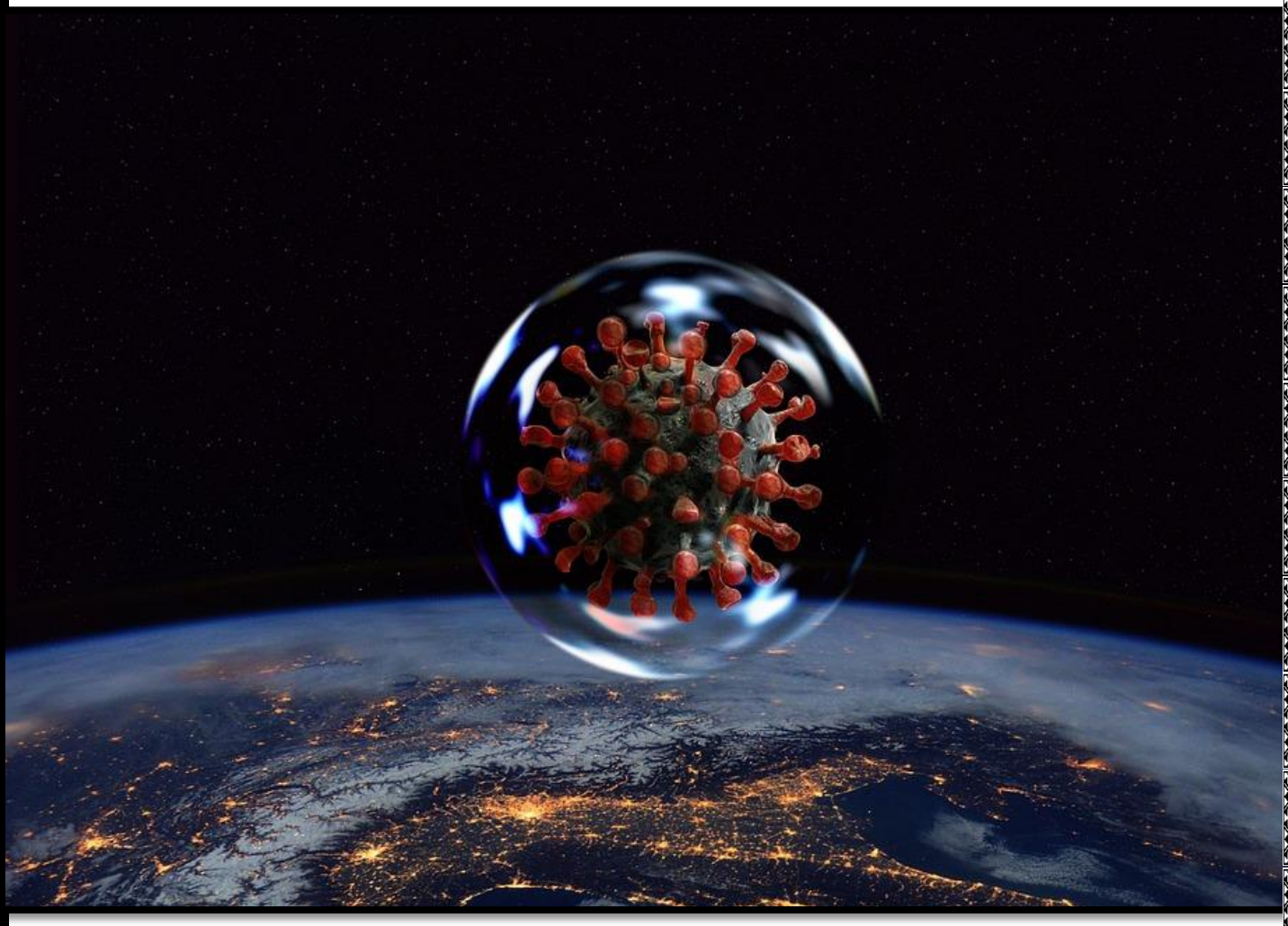
Cada história, cada calo criado, cada dedo furado, cada tosse tossida, cada vida esvaída.

Cada ovelha que nasceu e ajudou a compor aquela lã, cada vida que foi arrancada do convívio familiar sem direito a despedida. Dona Maria despede-se do tapete sem saber para onde irá, conhece o começo e não o fim. Seu Marcos raras vezes conhece a história dos que enterra, conhece o fim sem o começo. Diz ela, vida que segue, não me reconhecem artista, com a paga criei três filho. Diz ele, vida que segue, com álcool em gel, máscara e banho ao chegar em casa, com a paga crio minha filha. Vida que segue e quantos outros deixaram e deixarão de criar seus filhos.

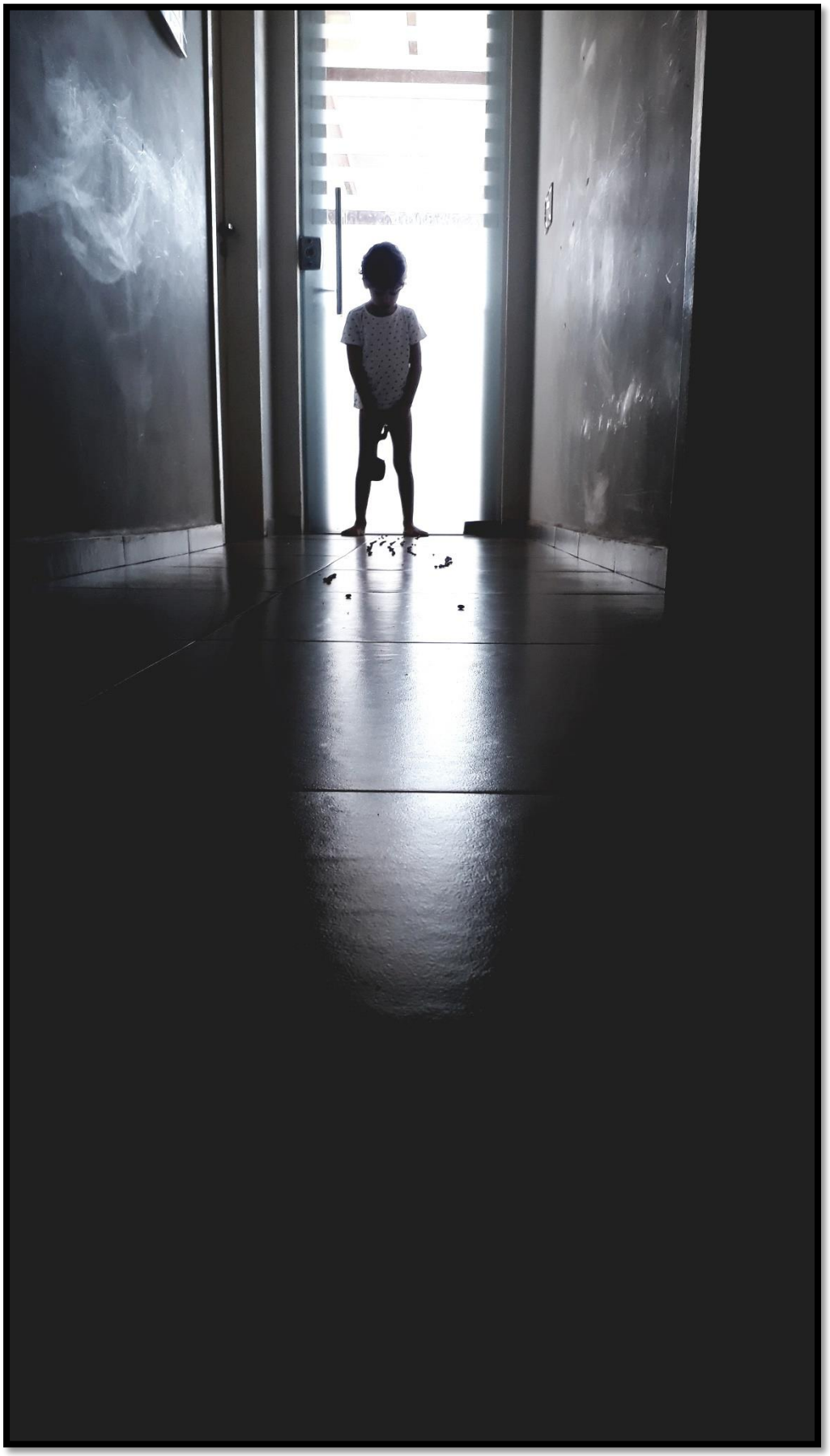
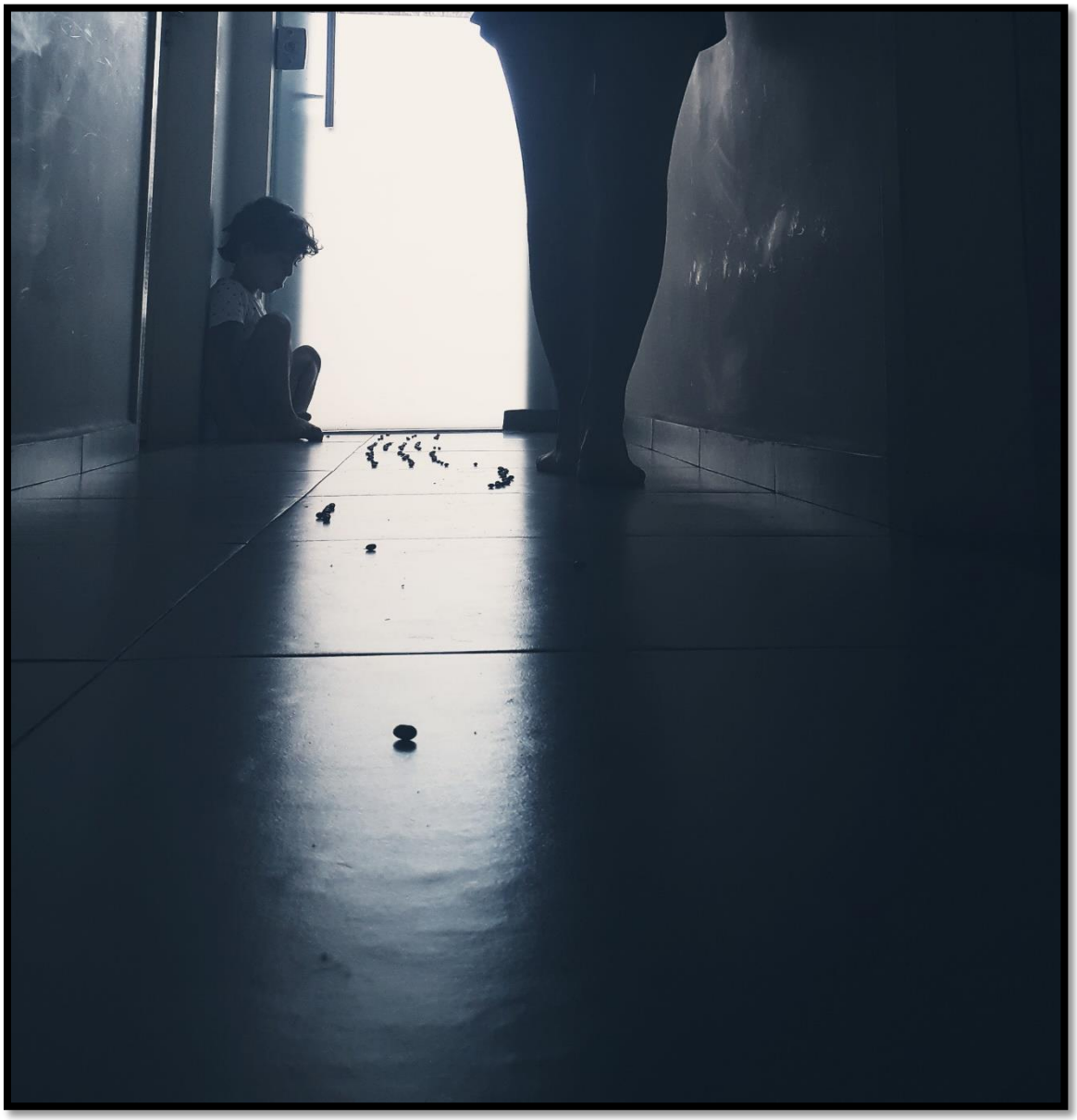
[1] O diário de Marcos Antônio da Silva Santos inspira este trecho do texto. Está disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/diario-de-um-coveiro/

Seu Marcos, no seu ombro pesa o peso do defunto, em quantos ombros pesará o peso da culpa por não ter feito nada, por ter sido indiferente, por uma vida que segue despreocupada.

Quantos metros quadrados, quanto esforço, quantas dores, quantos ombros curvados, são necessários para 140 mil pontos?



VELANDO 117

Ensaio fotográfico de Elaine Della Giustina Soares[2]

[2] O ensaio é baseado na crônica "10520<10627". Disponível em: https://pandemicas.com.br/10520-2/